

Uma Reflexão sobre a Suficiência da Escritura

Xavier Pickett

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Recentemente estive num estudo bíblico onde um dos presentes disse basicamente isso: que para descobrir se alguém conhece a Deus devemos ver o que ele diria sobre Deus sem a Bíblia, pois o que é realmente importante não é o que sabemos de Deus a partir da Bíblia, mas sim a partir do nosso relacionamento e experiência com ele. Nossa experiência com Deus é mais importante do que aquilo que está na Bíblia.

Como você pode ver, pode ser dito muito sobre isso, mas penso que o que é realmente interessante é o fato de que provavelmente todos nós temos algum nível de suspeita da palavra de Deus. O que quero dizer é que a maioria dos cristãos, se não todos, professaria crer que a Bíblia é a palavra de Deus, mas ao mesmo tempo tem um desejo por algo mais que a própria Bíblia. Podemos não dizer isto com os nossos lábios, mas, mais cedo ou mais tarde, o fato se tornará óbvio pelas nossas ações. Por exemplo, você sente a necessidade de ter uma “confirmação” sobre uma decisão, mesmo que a decisão não contradiga os ensinamentos da Escritura? Você não procura o perdão de outros porque teme que as coisas possam não funcionar bem? Você é excessivamente cuidadoso sobre agir (não contrariamente à Escritura), porque não está certo como as coisas sairão? Você pensa que o sofrimento é ruim e evita-o ocasionalmente, se não a todo tempo? Você crê que não pode experimentar uma vitória sobre os pecados em sua vida?

Se você respondeu “sim” a alguma destas perguntas, o que isso revela é o grau em que você entende e vive pela palavra de Deus, pois a realidade é que é algo difícil para nós confiar em Deus e na sua palavra, e o “sim” revela nossa falta de deleite e fé em sua palavra. Se a verdade deve ser dita, uma das razões pelas quais desejamos uma confirmação ou até mesmo um sinal é porque queremos que Deus nos diga mais do que ele já o tem feito em sua palavra, a Bíblia. Queremos que Deus nos diga algo antes que tomemos uma ação com o pretexto de não desejarmos estar errados ou incertos sobre o futuro, certamente. Não há dúvida de que devemos ser cuidadosos e usar o bom julgamento antes de agirmos, mas se esperarmos que Deus nos dê mais do que ele já nos deu em sua palavra suficiente, então isto é lançar dúvida sobre ela.

Contudo, isto é o que ela é: suficiente; provavelmente não creiamos que sua palavra seja realmente suficiente. Ela é incompleta sem Deus nos mostrando eventos futuros, pois queremos ver, ouvir, provar, sentir ou tocar algo. Se não a vemos, sentimos, etc., então não podemos crer nela, pois afinal, ver é crer. Eu quero algo novo, até mesmo uma nova experiência. A Bíblia é velha e eu preciso de uma “palavra nova” precisamente para mim. Portanto, o que estamos realmente dizendo é que eu não posso crer em sua palavra e no que ela promete para minha vida, até que Deus a prove para mim sobre os meus termos, como se ele estivesse debaixo da minha autoridade.

Não percebemos que somos muito semelhantes ao homem rico no discurso de Jesus sobre o homem rico e Lázaro, em Lucas 16:1-30. Se você lembra da história, quando o homem rico chegou ao Hades, ele queria que Abraão enviasse Lázaro de volta dos mortos para advertir sua família sobre o lugar de tormento, o qual ele deseja que eles evitassem. Contudo, Abraão pensava de outra forma, pois disse: “Eles têm Moisés e os Profetas; *ouçam-nos*”. Então o homem rico replicou: “Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão”. Abraão lhe disse: “Se não *ouvem* a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. Neste ponto, você pode estar dizendo que não é como o homem rico (ou nem mesmo como aquele participante do estudo bíblico descrito acima), mas tenha paciência. O que você acha que esta passagem revela sobre a visão do homem rico sobre Moisés e os Profetas? É óbvio que ele cria que Moisés e os Profetas não eram suficientes para convencer sua família, pois ele ainda desejava que Abraão enviasse Lázaro dos mortos. Em outras palavras, o homem rico ainda não cria na palavra de Deus que Moisés e os Profetas representam. Ele estava realmente insatisfeito com o que Deus tinha dito ao seu povo. Ele queria mais do que as próprias palavras de Deus na Escritura; ele pensava que sua família, se fosse de alguma forma parecida com ele, teria que ter uma experiência para crer. Quantos de nós somos como o homem rico hoje em dia? Quantos de nós precisamos de uma experiência ou sentir algo antes de crer nas promessas maravilhas do evangelho de Deus em sua palavra? Quantos de nós desejamos experimentar e se sentir bem antes de crer verdadeiramente que todas as coisas cooperam juntamente para o nosso bem? Quantos de nós desejamos experimentar o fim do sofrimento antes de confiarmos verdadeiramente que o sofrimento produz perseverança, caráter e esperança em nós?

Deixe-me ser claro... eu não estou dizendo que as experiências da vida cristã não sejam importante, mas sim que quando confiamos em nossas experiências mais do que em Deus através da sua palavra, confiamos realmente em nós mesmos, pois não estamos dependendo dele somente. Devemos crer constantemente que as experiências humanas não são critério para a verdade e a fé. Portanto, não confiar na palavra autoritária, suficiente, clara, necessária, inerrante, completa e final de Deus na Bíblia é não confiar no próprio Deus. Por quê? Porque a Bíblia é o Espírito Santo falando nas Escrituras. O Deus que fala em palavras não pode ser experimentado aparte das palavras da Bíblia. Em outras palavras, visto que Deus escolheu se comunicar e se revelar por palavras e ultimamente pela Palavra Encarnada, então não podemos experimentá-lo ou conhecê-lo verdadeiramente sem a palavra escrita.

Coram deo,

Xavier

Xavier@reformedblacksofamerica.org
www.reformedblacksofamerica.org

Sobre o autor: Xavier é co-fundador do *Reformed Blacks of America*, um ministério de americanos-africanos que enfatiza um entendimento comunal e progressivo da teologia Reformada.